



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Educação Física

KARLA BEATRIZ GOMES DE SOUZA

**MULHERES NEGRAS NO ESPORTE: a interseccionalidade entre raça e gênero  
na educação física escolar**

BRASÍLIA/DF  
2023

KARLA BEATRIZ GOMES DE SOUZA

**MULHERES NEGRAS NO ESPORTE: a interseccionalidade entre raça e gênero  
na educação física escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Educação Física da Universidade de  
Brasília, como parte dos requisitos para obtenção  
de Título de Licenciado em Educação Física

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Dulce Maria Filgueira de  
Almeida

BRASÍLIA/DF

2023

KARLA BEATRIZ GOMES DE SOUZA

MULHERES NEGRAS NO ESPORTE: a interseccionalidade entre raça e gênero na  
educação física escolar

Monografia defendida e aprovada em 23 de janeiro de 2023, perante a banca  
examinadora composta pelos/as Professores/as

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida

---

Profa. Dra. Jaciara Oliveira Leite

---

Profa. Ms. Nárgila Mara da Silva Bento

BRASÍLIA/DF

2023

Dedico este trabalho a todas mulheres negras, principalmente às minhas ancestrais. Sem a luta e resistência dessas mulheres, eu não teria chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero primeiramente agradecer à minha mãe, Claudete Maria, e ao meu pai, Waldilson Barbosa, que não tiveram a mesma oportunidade de concluir os estudos, mas que batalharam para que eu cursasse o ensino superior.

Agradeço ao meu irmão Waldson Souza que me acompanha desde criança, que me ajudou nos momentos mais difíceis, principalmente nessa última etapa.

À minha irmã Isabel e à sobrinha Alice pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida.

À minha amiga Ana que está ao meu lado desde a 3ª série do ensino fundamental e que sempre acreditou em mim.

À minha amiga Natália e Mariane que são minhas inspirações e que me incentivaram a não desistir do sonho de cursar Educação Física.

Às minhas amigas Lauanda, Karen, Silvia, e ao amigo Erick por terem tornado os dois anos de Ciências Naturais em dias alegres e mais fáceis de lidar. Agradeço também aos amigos Camilla, Ana Caren, Mateus e Fábio, por enfrentarem longas filas no RU e por tornarem os horários livres mais divertidos.

A todos meus amigos que torceram por mim durante esses anos de graduação.

À minha orientadora Dulce por ter aceitado conduzir o meu trabalho de pesquisa.

Aos professores Jonatas, Jaciara e Victor que contribuíram ao longo da minha formação acadêmica.

Ao meu querido tio Marcos, que foi meu grande mestre, e que me ajudou a enxergar o mundo de forma mais crítica.

À minha psicóloga Caciele, que me deu suporte no período da pandemia e nos momentos que eu achei não seria capaz de lidar com tantos medos e incertezas.

## RESUMO

Os conteúdos transversais, nos quais se inscreve a interseccionalidade entre raça e gênero, são de suma importância na formação humana, crítica e socialmente referenciada no contexto escolar. Nesse escopo, este trabalho de conclusão de curso tem como foco questionar “como a interseccionalidade de raça e gênero se faz presente como conteúdo transversal nas aulas de educação física e se como a interseccionalidade influencia na participação dos estudantes (de ambos os gêneros) nas aulas práticas dessa disciplina”. Outro objetivo é analisar essas questões em aulas de Educação Física lecionadas numa escola pública do Distrito Federal. A metodologia utilizada consiste de natureza qualitativa, de caráter descritivo, por meio do estudo de campo, tendo como técnicas aplicação de questionário, que será complementado pela observação direta, com anotações em diário de campo. O lócus da investigação é uma escola pública de ensino médio do Distrito Federal, situada no Plano Piloto de Brasília/DF. Os participantes da pesquisa são estudantes do ensino médio, numa faixa-etária compreendida entre 17 e 19 anos, de ambos os gêneros. A partir da análise dos questionários, pôde-se perceber que a percepção das meninas é de que a opressão de gênero interfere mais na adesão das aulas de Educação Física do que a opressão de raça e que o debate acerca dos conteúdos transversais são pouco debatidos nas aulas desse componente curricular.

**Palavras-Chave:** interseccionalidade; raça; gênero; esportes; educação física escolar.

## ABSTRACT

The transversal contents, in which the intersectionality between race and gender is inscribed, are of big importance in the human, critical and socially referenced formation in the school context. In this scope, this course conclusion work focuses on questioning “how the intersectionality of race and gender is present as a transversal content in physical education classes and if how intersectionality influences the participation of students (of both genders) in classes practices of that discipline”. Another objective is to analyze these issues in Physical Education classes taught in a public school in Distrito Federal, Brazil. The methodology used will be of a qualitative, descriptive nature, through field study, with the application of a questionnaire as techniques, which will be complemented by direct observation, with notes in a field diary. The locus of the investigation is a public high school in the Distrito Federal, located in the Plano Piloto of Brasília. The research participants are high school students, aged between 17 and 19 years old, of both genders. From the analysis of the questionnaires, it could be noticed that for the girls, gender oppression interferes more in the adherence to Physical Education classes than race oppression and that the debate about the transversal contents is little discussed in the classes of this curricular component .

**Keywords:** intersectionality; breed; gender; sports; school physical education.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2. DISCUSSÃO TEÓRICA</b> .....	3
<b>2.1 Mulheres negras no esporte</b> .....	3
<b>2.2 Breve histórico da Educação Física no Brasil</b> .....	9
<b>2.3 Preconceito de raça e gênero na Educação Física Escolar</b> .....	10
<b>2.4 Temas transversais e interseccionalidade entre raça e gênero</b> .....	11
<b>3. METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	15
<b>3.1 Notas sobre o campo da pesquisa</b> .....	16
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	17
<b>4.1 Questionário 1 – Dados sociodemográficos</b> .....	17
<b>4.2 Questionário 2 – Educação Física e esporte</b> .....	20
<b>4.3 Questionário 3- Preconceito de raça e gênero</b> .....	25
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32
<b>APÊNDICE A – Carta de revisão ética</b> .....	35
<b>APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE</b> .....	38
<b>APÊNDICE C –Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE)</b> .....	40
<b>APÊNDICE D – Aceite institucional</b> .....	42
<b>APÊNDICE E – Termo de concordância</b> .....	43
<b>APÊNDICE F – Cronograma de execução do projeto de pesquisa</b> .....	44
<b>APÊNDICE G – Instrumento de coleta de dados</b> .....	46



## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é considerado um símbolo da identidade nacional (DaMatta, 1982). Desde a infância, crianças — notadamente as do gênero masculino — são incentivadas pelos familiares a gostarem de futebol. Isso ocorre no simples ato de presentear os filhos com uma bola, uma chuteira ou qualquer objeto que remete ao futebol. Conquanto, apesar de os meninos serem incentivados a praticarem futebol na infância, as meninas não recebem esse mesmo incentivo dos seus familiares. Somado a isso, a percepção de que a participação das mulheres negras nos esportes ainda é minoria no século XXI, produziu a necessidade de estabelecer como recorte para esta pesquisa os marcadores de raça e gênero para o entendimento do fenômeno esporte nas aulas de educação física.

Diante disso, os conteúdos transversais, nos quais há previsões para discutir questões de raça e gênero, são de suma importância na formação humana, crítica e socialmente referenciada no contexto escolar. Nesse escopo, o presente projeto de pesquisa tem como problema “como a interseccionalidade de raça e gênero se faz presente como conteúdo transversal nas aulas de educação física e se como a interseccionalidade influencia na participação dos estudantes (de ambos os gêneros) nas aulas práticas dessa disciplina”.

O objetivo geral da pesquisa compreende analisar a interseccionalidade de raça e gênero como conteúdo transversal nas aulas de educação física e se ela estimula a participação dos estudantes (de ambos os gêneros) nas aulas práticas dessa disciplina de Educação Física numa escola pública do Distrito Federal. Especificamente: identificar os conteúdos transversais tratados nas aulas de educação física; e, verificar se no escopo dos conteúdos a interseccionalidade de raça e gênero se faz presente e se ela estimula a maior participação dos estudantes nas aulas práticas, notadamente, quando envolve a prática do futebol.

A escolha desse tema se deu por interesses pessoais acerca das questões de gênero, raça e esporte. Mas também por saber que os estudos acadêmicos sobre o assunto carecem de mais pesquisas e trabalhos como este. A metodologia utilizada foi um estudo de campo, com abordagem qualitativa, de caráter descritivo, tendo como principal instrumento de pesquisa o questionário.

A pesquisa se inscreve no conjunto de investigações do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON), da Universidade de Brasília, e busca atender três objetivos para o desenvolvimento sustentável de acordo com a Agenda 2030 da ONU, a saber: saúde e bem estar; educação de qualidade; redução das desigualdades.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

### 2.1 Mulheres negras no esporte

O esporte moderno tem sua origem na Europa por volta do século XIX e é definido como uma “atividade corporal de movimento com caráter competitivo que possui características como: competição, rendimento físico-técnico, record, racionalização e cientificização do treinamento” (BRACHT, 2005, p. 13-14). Além dessas características, Guttman (1979 apud BRACHT 2005) traz outras características que são: secularização, igualdade de chances, especialização dos papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca do recorde.

É importante ressaltar que, de maneira simultânea ao surgimento do esporte, começava o movimento de abolição da escravidão na Europa, sendo que, no caso do Brasil, essa abolição ocorreu de forma tardia no final do século XIX. Diante desse contexto da época, era impossível pensar que pessoas negras seriam inseridas nos esportes, pois elas sequer tinham o direito à liberdade. Os impactos causados por esse período de escravidão são imensuráveis. Durante séculos, diversos países se acharam no poder de escravizar milhares de mulheres e homens negros, arrancando os direitos humanos daquelas pessoas. Tais fatos históricos contribuíram para o atraso da inserção dos negros nas práticas esportivas. Se para os homens negros essa inserção foi tardia, para as mulheres negras o atraso foi ainda maior. Esse fenômeno pode ser entendido a partir da teoria da interseccionalidade.

A discriminação de raça e gênero são temas discutidos pelas teóricas do feminismo negro. Em sua obra *Mulheres, raça e classe*, a autora Angela Davis já trazia para o debate a intersecção desses três recortes. O termo interseccionalidade foi desenvolvido pela estadunidense Kimberlé Crenshaw, e tornou-se uma teoria que critica o feminismo branco de classe média (AUAD; CORSINO, 2019). Para Crenshaw (2004), as mulheres negras têm suas chances de sucesso reduzidas por causa da dupla discriminação de raça e gênero. Aqui no Brasil, temos a teórica Carla Akotirene que traz o seguinte definição de interseccionalidade:

A interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes

posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos (AKOTIRENE, 2020, p. 63).

Nas estruturas sociais estão presentes ideologias racistas e sexistas que se tornaram hegemônicas (COLLINS, 2019), e elas são percebidas dentro do esporte moderno. Ao longo da história, mulheres tiveram mais dificuldades de inserção no esporte do que os homens por sofrerem com a discriminação de gênero. Já as mulheres negras, além de serem discriminadas pelo recorte de gênero, também sofrem com o racismo. Partindo da teoria interseccional entre raça e gênero é possível compreender o porquê mulheres negras são a minoria nos esportes, com pouco prestígio, que ocupam posições de invisibilidade e inferioridade em comparação aos homens brancos e negros, e também em comparação às mulheres brancas (FERREIRA, 2021). A questão é que mulheres negras enfrentam maiores dificuldades em todos os espaços sociais, e não é diferente nos esportes. Por isso, é necessário considerar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe (MARTINS; SILVA; VASQUEZ, 2021, p. 03) a fim de analisar os impactos dessa sobreposição de discriminações dentro dos esportes. Segundo Ferreira (2021), o futuro das mulheres no esporte será determinado de acordo com os marcadores de raça, gênero e classe. Isso comprova a importância de:

[...] reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero. Ambas as categorias precisam ser ampliadas para que possamos abordar as questões de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam (CRENSHAW, 2004, p. 8).

O Brasil teve sua primeira participação nos Jogos Olímpicos (JO) em 1920, na Bélgica, onde 21 atletas representaram o país pelo/através do Comitê Olímpico do Brasil (COB). Como é possível observar no quadro a seguir, não houve nenhuma mulher nessa edição dos JO. Em 1932, tivemos uma delegação que contava com 65 homens e somente uma mulher. O tempo que levou para que uma atleta branca fosse inserida na delegação olímpica é reflexo da desigualdade de gênero existente na sociedade, que atinge também o campo esportivo. Para fazer um comparativo histórico da participação, irei trazer alguns dados na tabela a seguir.

**Tabela 1** - Comparativo histórico da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos

<b>Jogos Olímpicos - Ano</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Antuérpia - 1920	21	0
Paris - 1924	12	0
Los Angeles - 1932	66	1
Berlim – 1936	88	6
Londres - 1948	70	11
Helsinque - 1952	103	5
Melborne – 1956	47	1
Roma – 1960	80	1
Tóquio – 1964	68	1
Cidade do México – 1968	81	3
Munique – 1972	84	5
Montreal - 1976	86	7
Moscou – 1980	94	15
Los Angeles - 1984	129	22
Seul - 1988	135	35
Barcelona - 1992	146	51
Atlanta – 1996	159	66

Sidney – 2000	111	94
Atenas – 2004	125	122
Pequim – 2008	277	133
Londres - 2012	136	123
Rio de Janeiro - 2016	256	209
Tóquio - 2020	162	140

**Fonte:** Comitê Olímpico Brasileiro; BBC News Brasil, 2022.

O quadro acima mostra a progressão lenta da inserção das mulheres nas competições olímpicas representando o Brasil. Na edição dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 tivemos uma quantidade de mulheres na delegação brasileira que se aproximou da quantidade de atletas homens. E nas olimpíadas de 2016, o número de atletas mulheres foi superior à 200, tornando-se a maior delegação feminina a representar o país. A conquista dessas mulheres por espaços e visibilidade dentro do esporte sofre com o apagamento histórico, que é intencional e prejudicial para as gerações de futuras atletas que podem não ter como referência outras atletas que fizeram história no esporte.

Na história do Brasil, há o caso de duas mulheres negras que foram pioneiras no Atletismo e são pouco lembradas quando pensamos em figuras representativas no esporte. Melânia Luz foi uma atleta do salto em altura do atletismo e se tornou a primeira mulher negra e também atleta da primeira equipe olímpica brasileira feminina de atletismo nas Olimpíadas de Londres de 1948 (FERREIRA, 2021; COB, 2022). Ela não obteve medalha nas olimpíadas, mas conquistou alguns títulos em competições sul-americanas. Aída dos Santos começou a competir no atletismo em 1956, e sofreu com racismo e machismo por praticar uma “modalidade reconhecida pela sociedade como violenta e masculina” (FARIAS, 2008, p. 923). Durante sua breve carreira, conquistou uma medalha de bronze em duas edições dos Jogos Pan-Americanos e o 4º lugar nos Jogos Olímpicos em 1964 (FARIAS, 2008).

Vale ressaltar que Melânia Luz e Aída dos Santos competiram no atletismo, esporte que tem uma grande inserção de pessoas negras por ser uma prática que é mais acessível devido ao baixo custo benefício dos equipamentos de treino (MARTINS; SILVA; VASQUEZ, 2021). A dupla discriminação de raça e gênero que as atletas vivenciaram no meio esportivo interferiram na carreira de ambas, impedindo-as de alcançarem prestígio e reconhecimento no esporte.

Analisando o esporte por meio da interseccionalidade, é possível compreender que o porquê atletas negras ainda são a minoria nos esportes, pois existe um alinhamento entre raça, gênero e classe que inviabiliza a população de pretos e pardos terem acesso a prática de esportes (COLLINS; BILGE, 2021). É notório que a prática de determinados esportes, como o Futebol e o Atletismo, não exige equipamentos caros. Isso explica a maior presença de pretos e pardos nesses esportes, ao contrário de outros como natação, ginástica, esgrima, que ainda são esportes elitizados que exigem do atleta maior poder aquisitivo.

Vale apontar que o Decreto-Lei Nº 3.199/1941 imposto pelo Presidente da época, Getúlio Vargas, em seu art. 54 dizia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]” (BRASIL, 1941). Esse dispositivo legal, em conjunto com o Conselho Nacional de Desportos foram os responsáveis pelo atraso e retrocesso do futebol feminino e de outras modalidades esportivas, como as lutas, halterofilismo, basebol [...] (BRASIL, 1965). Quase 40 anos de proibição com o argumento de que o corpo da mulher não era compatível a praticar determinados esportes — nesse caso, todas as modalidades exigiam um contato físico mais intenso. E também sob o argumento de que a prática poderia prejudicá-las a terem filhos.

Decisões como essas foram tomadas por homens que tentam controlar a todo custo as escolhas das mulheres, a partir das suas crenças e vontades próprias, que são baseadas nas “relações de poder fundadas na desigualdade de gênero que retiram das mulheres o acesso a determinados espaços e a autonomia sobre seu próprio corpo” (NUNES, 2022, p. 129).

Além da proibição do futebol feminino ter durado quase 40 anos, a sua regulamentação ocorreu somente no ano de 1983 (NUNES, 2022, p. 140). Como

aponta Collins e Bilge (2021), o fato da primeira Copa do Mundo masculina ter acontecido em 1930 e a primeira Copa do Mundo feminina ter sido realizada em 1991 colabora para vantagens e desvantagens dentro do futebol e de outros esportes. A intersecção entre as categorias raça, gênero e classe faz com que compreendamos melhor o porquê as conquistas de medalhas em Jogos Olímpicos demoraram mais de 40 anos para acontecer.

A partir do quadro comparativo da inserção das mulheres nos JO citado anteriormente, dentre as 11 atletas que participaram das Olimpíadas de Londres 1948, a pioneira Melânia Luz estava presente, fazendo história ao se tornar a primeira mulher negra a competir em JO. De acordo com O Comitê Olímpico Brasileiro (2022), as primeiras medalhas em esportes coletivos foram conquistadas em 1996, nos Jogos de Atlanta, no vôlei de praia, de quadra e no basquete. Porém, foi apenas em 2008, 60 anos após a primeira aparição de uma atleta negra em JO, que o Brasil conquistou a primeira medalha em competições individuais feminino, com a judoca Ketleyn Quadros. Trago como exemplo outras atletas reconhecidas pelas conquistas inéditas, como Sarah Menezes e Rafaela Silva, que conquistaram as primeiras medalhas de bronze e ouro no Judô respectivamente nos Jogos Olímpicos de Londres e do Rio de Janeiro (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2022).

Além dessas atletas, Rebecca Andrade e Rayssa Leal também fizeram história nas Olimpíadas de Tóquio ao se tornarem, respectivamente, a primeira mulher negra a conquistar duas medalhas na ginástica artística, e a atleta mais jovem a ganhar uma medalha olímpica (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2022). No futebol temos as jogadoras Marta e Miraildes, mais conhecida pelo apelido Formiga, que são exemplos de atletas pioneiras que trouxeram grandes contribuições para o futebol feminino. Marta, foi eleita seis vezes como melhor jogadora do mundo pela FIFA, e também é a maior artilheira da seleção brasileira, ultrapassando o jogador Pelé em números de gols (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2022); e Formiga que foi a atleta com mais participação em Copa do Mundo e a única a participar de todas as edições dos Jogos Olímpicos (ESPN, 2021).

Trazer o processo histórico da inserção das mulheres nos esportes se faz necessário para que possamos compreender o porquê atletas negras ainda são a minoria nesse cenário. Para que haja avanços na participação de atletas negras é



essencial que o fenômeno do esporte seja analisado por meio da teoria interseccional, pois é impossível pensarmos os marcadores sociais de forma isolada, sem considerar as interconexões entre raça, gênero e classe.

## **2.2 Breve histórico da Educação Física no Brasil**

A Educação Física (EF) no Brasil surge a partir do século XIX, pautada na teoria racial eugenista, que difundiu pelo mundo a ideia de regeneração e embranquecimento da raça. O discurso nessa época era que, por meio da EF as pessoas alcançariam saúde física e mental, além de valores morais e cívicos (SOARES, 2004, p. 70). Nota-se que no mesmo período que a EF surge, o Brasil ainda adotava o sistema de escravidão da população negra, e por a EF pregar os ideais higienistas e eugenistas, acabou tornando-se uma ferramenta útil para combater problemas de ordem social, racial e econômico. Diante disso, a elite brasileira percebeu que era necessário que a educação física fosse inserida nas escolas brasileiras.

De acordo com Marinho (1971), um dos autores clássicos do campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física reconhece que, historicamente, essa disciplina foi equivocadamente compreendida como sinônimo de ginástica e/ou treinamento militar. Essa posição é convergente com a abordagem de Metzner; Rodrigues (2011). A princípio, a implantação das aulas de ginástica foi feita apenas em um colégio na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1837. Como aponta Darido (2003, p. 12) no ano de 1851, com a Reforma Couto Ferraz, a EF passou a ser obrigatória nas escolas. Entretanto, a inserção da EF não foi realizada em todas as instituições. Acerca da difusão da educação física, diz o autor:

a educação física começou a generalizar-se no sistema escolar brasileiro só a partir de 1930. No período compreendido entre 1837 e 1930, a ginástica escolar, praticada em alguns estabelecimentos de ensino, constituiu principalmente na aplicação da ginástica calistênica e do método alemão (KOLYNIK FILHO, 2008, p. 52).

A partir de 1930 a concepção higienista foi difundida nas escolas, alegava-se que, por meio das práticas corporais, o indivíduo seria capaz de criar hábitos higiênicos, saudáveis, desenvolvendo o físico, o mental e a conduta moral (DARIDO, 2003). Já em meados de 1950, a educação física passou a ser mais esportivista e no

período da Ditadura Militar de 1964, o esporte ganha ainda destaque nas escolas brasileiras (KOLYNIAC FILHO, 2008). Desse modo, as aulas passaram a ser mais tecnicista, acríticas, com o foco central no alto rendimento, a fim de que os alunos se tornassem grandes atletas.

Nas décadas de 70 e 80, com o movimento renovador da Educação Física, ocorreu uma mudança de pensamento sobre como a educação física deveria ser abordada nas escolas. Não era mais aceitável que as práticas educacionais mantivessem metodologias pautadas nos moldes do militarismo, pois o contexto político de redemocratização que o Brasil estava passando exigia quebras de velhos paradigmas presentes na educação física. Era necessário que a Educação Física Escolar (EFE) adotasse teorias críticas que buscassem trabalhar as “dimensões sócio-culturais e político-econômicas do fazer pedagógico [...] para a definição de novos objetivos, conteúdos e metodologias de ensino” (KOLYNIAC FILHO, 2008, p. 73).

### **2.3 Preconceito de raça e gênero na Educação Física Escolar**

Desde que a educação física surgiu, ela vem sendo usada como ferramenta de eugeniação da raça e exclusão de mulheres na prática de determinados esportes. Por mais que tenha ocorrido mudanças significativas na forma de se pensar as práticas de EF no contexto escolar, ainda encontramos em muitas escolas uma EF que continua reproduzindo preconceitos nas práticas corporais. Desse modo, ao invés de proporcionarem momentos de aprendizagem para os alunos, acaba-se difundindo uma cultura corporal do movimento que exclui e que desestimula os estudantes.

Os autores Corsino e Auad (2014) defendem que a discussão acerca da temática racial na educação física escolar é bem menor em comparação a outros temas interseccionais. O estudo intitulado *Diversidade racial e educação física escolar na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-2013)* realizado por Sales e Almeida (2015), apontou que no período de 1979 a 2013, essa temática apareceu na Revista Brasileira de Ciências do Esporte apenas 25 vezes, sendo 8 vezes com foco na EFE. Com isso fica evidente que a discussão sobre temas raciais voltados para a educação física escolar está bem abaixo se comparamos com a temática de gênero na EFE, que é um assunto que tem maior produção científica. No entanto, os atores

apontam que “o debate acerca das relações de gênero na Educação Física Escolar encontra-se em crescimento, permeando e promovendo uma intersecção entre diversas temáticas, como corpo, raça, mídia, esporte, lazer e sexualidade” (CORSINO; AUAD, 2014, p. 62).

Dentro das aulas de educação física, os conflitos de raça e gênero estão presentes nas práticas corporais, porém as que ficam mais evidentes são as dos esportes coletivos. Segundo Uchoga e Altmann (2015), dentro dos jogos mistos os fatores de ordem motora e de gênero irão contribuir para o envolvimento das meninas nas atividades propostas. Além desses elementos, temos a questão racial que também influencia na participação das meninas negras nas práticas corporais, principalmente se for algum esporte coletivo. Dessa forma, quando nos deparamos com meninas que optam em não participar, estamos diante de uma situação que não pode ser justificada com o discurso do senso comum de que meninas não participam porque tem preguiça de jogar ou porque não gostam de esportes. Uchoga e Altmann defendem que:

essas diferenças de habilidades e capacidades corporais, ao ser evidenciadas, sejam equivocadamente naturalizadas, pois oportunidades diferentes nos jogos e esportes geram o desenvolvimento de diferentes habilidades entre os gêneros bem como o reforço de comportamentos e atitudes distintas entre meninos e meninas, são direcionadas aos corpos de ambos desde cedo, seja na família, entre brincadeiras com seus pares, seja - é claro - na escola (UCHOGA, ALTMANN, 2015, p.167).

Fica evidente que dependendo da forma que a educação física é abordada em sala de aula, o que deveria servir para trabalhar os aspectos cognitivos, motores, afetivos e sociais, a fim de se combater as desigualdades de raça e gênero, acaba perpetuando mais essas diferenças, trazendo traumas, medos e inseguranças nas meninas, que são o grupo mais afetado nessa situação.

#### **2.4 Temas transversais e interseccionalidade entre raça e gênero**

A escola, enquanto instituição social, exerce um papel imprescindível na formação humana, pois é um ambiente que proporciona aos indivíduos um contato com a diversidade cultural. Para Corsino (2015), pelo fato de a escola ser um lugar onde ocorre a socialização entre os estudantes, ela acaba tendo o privilégio de

discorrer acerca das pautas de raça e gênero. E devido ao ambiente escolar receber alunos de diferentes contextos culturais, é comum termos conflitos entre os indivíduos, o que pode gerar situações de opressões, como preconceito racial e de gênero, além de outras formas de discriminação.

Para tentar superar esses conflitos, alguns dispositivos legais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), Base Nacional Comum Curricular (2018) e o Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal (2014) trouxeram os chamados Temas Transversais Contemporâneos (TCTs) ou Eixos transversais. De acordo com os pressupostos teóricos do Currículo em Movimento do DF (2014, p. 36), os eixos transversais são compostos por: “Educação para a diversidade, Cidadania e educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a sustentabilidade”. Os temas relacionados à raça e gênero fazem parte da educação para a diversidade, sendo obrigatória a abordagem em todos os componentes curriculares.

Sendo a EF uma área de conhecimento que tem como objeto de estudo o corpo e o movimento humano, os Temas Transversais Contemporâneos são indispensáveis nas aulas de educação física escolar. E quando pensamos na interseccionalidade entre raça e gênero também pensamos sobre o tema transversal educação para a diversidade, isso porque o objetivo dos TTCs é que as escolas e docentes utilizem essas temáticas a fim de que os estudantes vivenciem os conteúdos não de forma “abstrata e descontextualizada” da sua realidade, e sim de um jeito que todos os assuntos façam sentido ao longo da vida (BRASIL, 2019, p. 07). Sabemos que as temáticas acerca de raça e gênero não compõem explicitamente todos os conteúdos de educação física. No entanto, esses temas estão de forma implícita em todas as práticas corporais, aparecendo principalmente nas questões que ocorrem, de modo geral, nos jogos e esportes coletivos, onde muitas vezes o espírito de competição exagerado acaba gerando nos estudantes discursos de discriminação contra as minorias. Corsino declara que:

Perceber os conflitos de gênero e raça durante as aulas de Educação Física pode ser um avanço no sentido de se tornarem visíveis as desigualdades que se impõem cotidianamente no interior da Educação Física, tendo em vista que um dos problemas recorrentes no que diz respeito às hierarquizações nas aulas de Educação Física passa pelo silenciamento, que muitas vezes é reforçado pelos/as professores/as (apud CORSINO; AUAD, 2014, p. 67/68).

Enquanto a escola e seu corpo docente não aderirem uma educação física antirracista e antissexista, não será possível lidar com esses conflitos citados anteriormente. É necessário que não haja hierarquização das opressões, o que torna a teoria interseccional indispensável na educação física escolar.

Para auxiliar na redução da desigualdade de raça nas escolas, foi criada a Lei 10.639/03 que tornou obrigatório a “Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana”. A sua implementação foi um marco importante para que os temas raciais fossem inseridos nos currículos escolares, não para serem usados apenas em “datas comemorativas” (RANGEL, 2006, p. 75), mas com o intuito de mudar a forma que as disciplinas tratam essa temática. Esse dispositivo legal reforça a ideia de que:

uma Educação para as Relações Etnicorraciais, orientada para a divulgação e produção de conhecimentos, bem como atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade etnicorracial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidades (BRASIL, 2004, p. 11).

A grande variedade dos conteúdos de educação física possibilita aos professores inúmeras formas de ensinar a cultura afro-brasileira e africana para os estudantes. Temos os jogos e brincadeiras, que por intermédio delas podemos utilizar atividades oriundas de países africanos, como “amarelinha africana”, “terra-mar”, “fogo na montanha”, entre outras. Por meio do conteúdo da dança, é possível trazer para o debate questões de gênero e também mostrar aos estudantes de onde surgiram estilos de dança como a capoeira, o samba, maracatu e outras manifestações que fazem parte da cultura brasileira (RANGEL, 2006, p. 75). Além disso, trazer o debate acerca dos atletas negros e negras para a sala de aula, mostrando para os estudantes figuras que fizeram história no esporte brasileiro e a importância dessas pessoas para as modalidades.

O grande desafio das escolas é romper com o pensamento eurocêntrico. Como os esportes modernos surgiram na Europa, sendo até hoje o conteúdo mais disseminado nas aulas de educação física, a lei 10.639/03 aparece para, segundo Corsino, seguir em busca de uma Educação Física antirracista, pois, há na escola

uma invisibilidade responsável por impor o “branqueamento”, tendo em vista as diferentes formas de se perceber os sujeitos (CORSINO, 2015, p. 248).

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Como procedimento metodológico, utilizei a abordagem qualitativa, por meio do estudo de campo, de caráter descritivo, pois esse método possibilita “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42). A escolha desse tipo de delineamento deveu-se ao caráter / natureza do objeto de estudo — interseccionalidade entre raça e gênero nas aulas de Educação Física (FLICK, 2013). No estudo de campo é indicado o uso de alguns instrumentos de pesquisa como questionários, entrevistas, formulários e observações. Para a obtenção das informações, utilizei as seguintes técnicas de pesquisa: observação, com anotações em diário de campo, e questionários, que foram aplicados com 20 estudantes da turma selecionada por meio de sorteio para compor nossa amostra. Os participantes da pesquisa foram estudantes de Educação Física do terceiro ano do Ensino Médio, de ambos os gêneros, com faixa-etária entre 16 e 19 anos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

A ferramenta utilizada para a aplicação dos três questionários foi o aplicativo de gerenciamento de pesquisas Google Forms. Escolhi essa ferramenta, pois o aplicativo possibilita organizar automaticamente os gráficos com as informações de caráter quantitativo e mostra as respostas de forma individual ou coletiva, tornando mais prático a análise dos resultados. Após a obtenção de todas as informações, foi realizado a codificação dos questionários e a transcrição das notas de campo, resultantes do trabalho de observação, que serviu para o cotejamento dos dados obtidos por meio dos questionários, concordando-se com Gil (2002, p. 133) na construção dos seguintes procedimentos de análise: redução, categorização e interpretação dos dados. Por último, foi feita a redação do relatório da pesquisa, que, no caso, é este trabalho de conclusão de curso.

O projeto foi submetido Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília em 18 de agosto de 2022, sob o número 62337822.0.0000.5540 e contou com aprovação do CEP em 26 de outubro de 2022.

### 3.1 Notas sobre o campo da pesquisa

A escola que aqui, ficticiamente denominamos Estrela do Saber está situada no Plano Piloto de Brasília. É uma escola pública vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Esta escola possui 1695 estudantes, sendo que destes 793 são do sexo masculino e 902 são do sexo feminino.

A escola Estrela do Saber possui a seguinte infraestrutura: 24 salas de aula, 3 laboratórios de informática, de estudos de informática e de Matemática, 1 biblioteca, 1 sala de audiovisual ou projeções, 1 auditório, 1 sala de videoconferência, 1 piscina, 1 sala de ginástica, 1 sala de espelhos, 2 quadras poliesportivas abertas, 1 refeitório, 1 espaço cultural e 1 praça central. Importante salientar que a piscina estava desativada e a sala de ginástica não pode ser utilizada pelos estudantes, pois segundo relatos dos participantes da pesquisa, esse espaço é restrito para atletas da região. As quadras poliesportivas estão com alguns estragos no piso, o que põe os estudantes em risco de quedas. Os materiais utilizados nas aulas de Educação Física são em sua maioria bolas de vôlei, basquete, futsal, handebol, cones, coletes e raquetes. O espaço cultural conta com 2 mesas de ping pong que os estudantes usam na hora do intervalos. A escola conta com pisos táteis e rampas para estudantes cadeirantes. É um espaço bem amplo, com muitas árvores e bancos, o que possibilita aos estudantes lugares para descanso e interação entre eles. Em relação ao acesso interno da escola, não houve problemas. De modo geral, as instalações da escola são adequadas para o atendimento de sua finalidade educacional. Desde o começo da pesquisa, fui bem recebida pela direção, docente, demais funcionários e pelos estudantes. Com relação ao trabalho de campo, fui recepcionada pelo coordenador pedagógico da escola a fim de me apresentar e apresentar o projeto de pesquisa que seria desenvolvido no local. Não houve dificuldades para acessar a instituição escolar. A partir do primeiro contato com a direção, já recebi a autorização para dar início à pesquisa de campo.

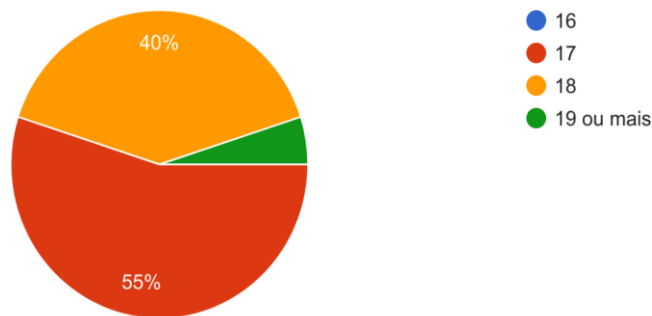


## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

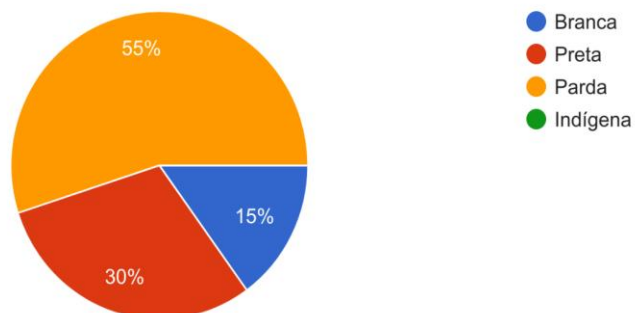
### 4.1 Questionário 1 - Dados sociodemográficos

O primeiro questionário teve como objetivo coletar dados sociodemográficos: faixa etária, raça, gênero, renda familiar e lugar onde mora. Com as respostas dos participantes, foi possível traçar um perfil da turma a fim de conhecer melhor a realidade à qual fazem parte. Dos 20 estudantes que responderam o questionário sociodemográfico, 13 são meninas e 7 são meninos. A idade dos pesquisados varia entre 17 e 19 anos e a maioria se autodeclara parda, como mostra os gráficos abaixo:

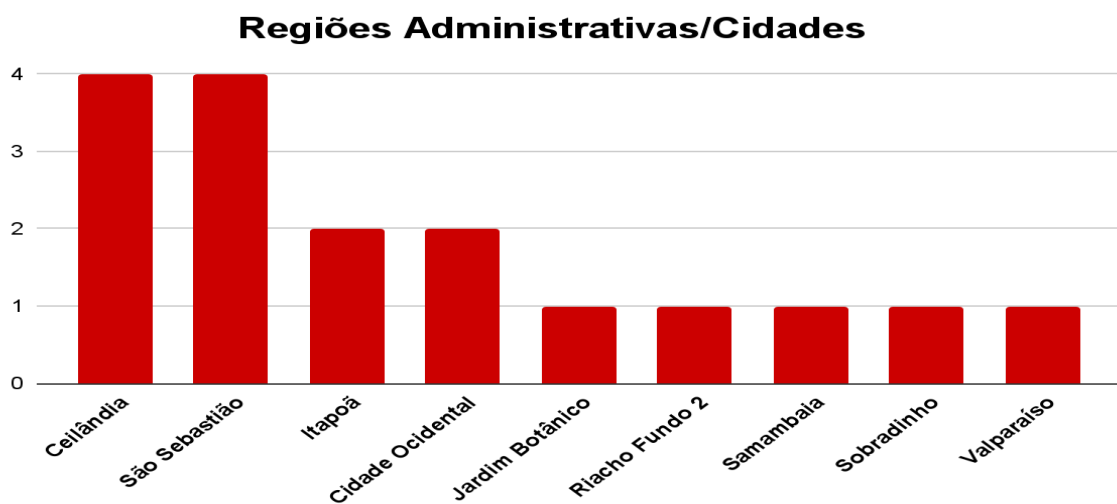
2. Idade  
20 respostas



3. Raça  
20 respostas

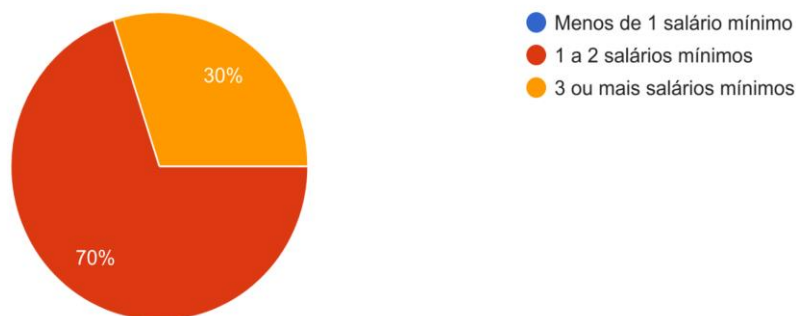


A escola Estrela do Saber, a qual foi realizada a pesquisa, está inserida no Plano Piloto de Brasília/DF. Nota-se que nenhum dos alunos que participaram da pesquisa moram na mesma Região Administrativa (RA) onde a escola está inserida. Também foi perguntado qual a renda mensal familiar (RMF). Os gráficos a seguir mostram as RAs e o percentual de renda dos estudantes. A maior parte dos estudantes (70%) alega que a RMF é de 1 a 2 salários mínimos. As RAs em que as alunas e os alunos residem estão, em sua maioria, distantes do local onde eles estudam, a exemplo de Ceilândia, Itapuã, Cidade Ocidental e São Sebastião.



#### 6. Renda familiar mensal

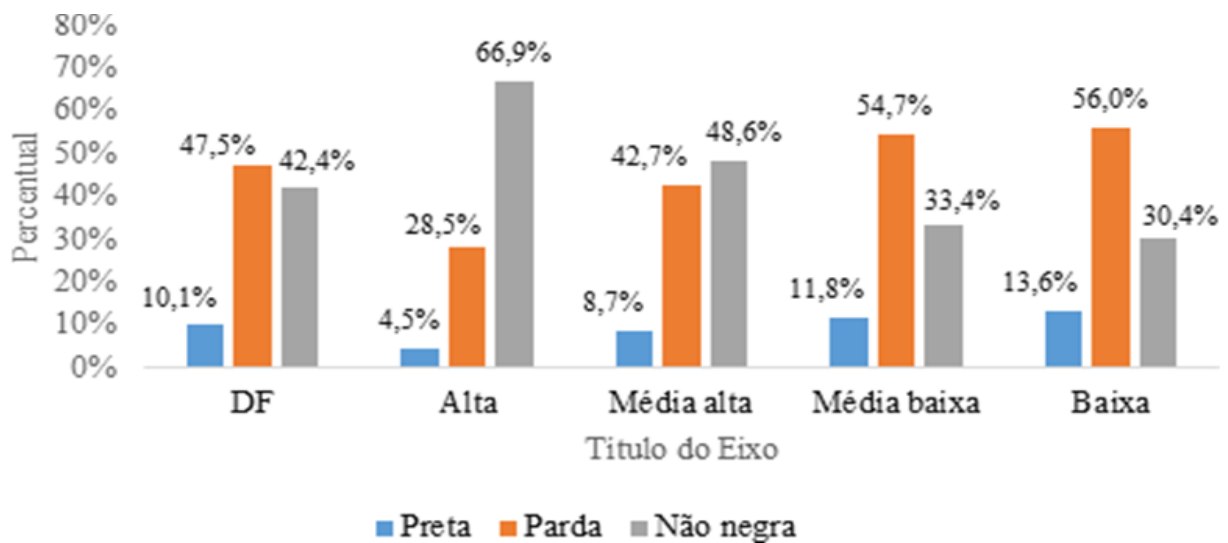
20 respostas



As informações acima vão de acordo com os dados da Companhia de Desenvolvimento do Distrito Federal (CODEPLAN) que por meio de estudos sociodemográficos da população do DF constatou que a porcentagem de pessoas negras e pardas está mais concentrada nas Regiões Administrativas que compõem os grupos de renda baixa e média-baixa (CODEPLAN, 2018, p. 14). O gráfico e a

tabela a seguir evidenciam que há uma relação direta entre raça e classe social, pois, os alunos que moram nas RAs classificadas renda baixa e média baixa pela CODEPLAN, são a maioria pretos e pardos e com renda mensal de 1 a 2 salários mínimos.

**Tabela 2-** Distribuição da população do por raça/cor e grupos de RAs por renda, Distrito Federal, 2018.



**Fonte:** Codeplan, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD 2018, GEREPS/DIEPS/Codeplan Elaboração: DIPOS/Codeplan.

**Tabela 3 -** Especificações dos grupos da PED. Distrito Federal, 2018

Classificação da renda	Regiões Administrativas	População total estimada em 2018	Renda domiciliar média	Grupo de renda
<b>Alta</b>	Plano Piloto, Jardim Botânico, Lago Norte, Lago Sul, Park Way e Sudoeste/Octogonal	384.913	R\$ 15.622,00	1
<b>Média-alta</b>	Águas Claras, Candangolândia, Cruzeiro, Gama, Guará, Núcleo Bandeirante, Sobradinho, Sobradinho II, Taguatinga e Vicente Pires	916.651	R\$ 7.266,00	2

<b>Média-baixa</b>	Brazlândia, Ceilândia, Planaltina, Riacho Fundo, Riacho Fundo II, SIA, Samambaia, Santa Maria e São Sebastião	1.269.60 1	R\$ 3.101,00	3
<b>Baixa</b>	Fercal, Itapoã, Paranoá, Recanto das Emas, SCIA–Estrutural e Varjão	310.689	R\$ 2.472,00	4

**Fonte:** Codeplan, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD 2018, GEREPS/DIEPS/Codeplan  
Elaboração: DIPOS/Codeplan.

## 4.2 Questionário 2 - Educação Física e esporte

O segundo questionário foi composto por 13 perguntas, sendo 7 perguntas abertas e 6 perguntas fechadas. O objetivo foi coletar informações sobre a percepção dos alunos acerca da Educação Física escolar e dos esportes. Para fazer essa análise, dividirei em duas subcategorias.

- **Educação Física Escolar**

Ao perguntar se os alunos gostam das aulas de EF, 14 responderam que sim e 2 disseram que não. Grande parte dos alunos argumentam que gostam das aulas de EF pois ela proporciona interação social, estimula a criatividade, exercita a mente, o corpo e as habilidades físicas, ajuda a conhecer os jogos e esportes na prática, são aulas divertidas e por meio dela é possível sair da rotina da sala de aula. O que chamou a atenção é que uma das alunas respondeu que gosta das aulas, mas por não ser muito “boa nos esportes”, prefere as aulas que trabalham com jogos lúdicos. Essa fala reforça a importância de uma educação física escolar voltada não apenas para os esportes, mas uma EF que busque trabalhar a cultura corporal de movimento, que supere “a perspectiva esportivista da década de 1970-1990 que ainda persiste no contexto escolar” (DARIDO, 2012, p. 21).

Apenas 2 estudantes responderam que não gostam das aulas de EF. Os trechos a seguir foram retirados na íntegra do questionário 2 e revelam uma problemática comum dentro do contexto da EFE.

*“Não muito. Não por não gostar de esportes, mas porque fico um pouco ansiosa e com medo de prejudicar meu time”. (AURORA)*

*“Não muito. Acho os esportes difíceis, e não me dou bem com bola”.*  
(GISELE)

Percebe-se que essas duas estudantes não se sentem capazes de praticar esportes e isso se deve ao fato de não possuírem o mesmo nível de habilidades motoras e técnicas que favoreçam no momento da prática em grupo, e que essa ausência de habilidades acaba gerando efeitos negativos como medo e ansiedade a ponto de prejudicá-las dentro das aulas de EF. Se as duas estudantes detêm essa aversão aos esportes é porque talvez os professores que elas tiveram contato ao longo do ensino fundamental e médio não conseguiram planejar aulas mais inclusivas que levassem em consideração as particularidades das estudantes dentro dos esportes coletivos, para que elas desenvolvessem habilidades básicas que ajudasse na autoconfiança dessas meninas dentro das práticas esportivas. Se a aluna Gisele e tantas outras estudantes tivessem recebido apoio nas aulas de EF, não chegariam no último ano do ensino médio com receios de praticar alguma atividade e teriam desenvolvido bem melhor os aspectos cognitivos, motores, afetivos e sociais, saindo dessa etapa de ensino com mais autoestima e confiança, tornando assim indivíduos mais preparados para outras etapas da vida.

Um fato curioso que ocorreu durante as observações de campo: a Aluna Núbia respondeu que a EF promove inclusão, porém ela não participou de nenhuma das atividades que a professora Glória propôs. No entanto, a aluna afirma que *“gosta das aulas, pois é um momento bom de comunhão e diversão”* (NÚBIA).

Vale ressaltar que nenhum dos meninos responderam que não gostam das aulas de EF. Essas respostas positivas por parte dos meninos têm relação com o incentivo que eles recebem da família desde a infância no simples ato de ganhar uma bola, uma chuteira ou outros brinquedos que remetem aos esportes. Além da família, os canais midiáticos dão mais destaques para as competições masculinas, o que não acontece da mesma forma com as competições femininas. E, por fim, os professores que na maioria das vezes continuam reproduzindo metodologias de ensino que não estimulam a participação das meninas.

- **Esporte e representatividade**

Na pergunta “Você gosta de algum ou alguma atleta? Qual?”, três meninas responderam que não gostam de nenhum atleta e somente um menino respondeu que não gosta de nenhum atleta. Os exemplos citados pelo grupo pesquisado foram a maioria nomes de atletas masculinos, sendo que um dos mais citados foi o jogador Neymar. Das 17 respostas, apenas 5 citaram atletas femininas, sendo 3 atletas negras (Fernanda Garay, Simone Biles e Gabrielle Douglas) e 2 atletas brancas (Kira Gracie e Jade Lanai).

Vale frisar que Neymar, como mencionado, um dos atletas mais citados, possui grande destaque nas mídias sociais. Por outro lado, a atleta Marta, que conquistou o título de melhor jogadora do mundo por seis vezes pela Federação Internacional de Associações de Futebol (FIFA), não foi citada por nenhum dos estudantes.

A falta de visibilidade dos esportes femininos nas mídias impactam também no conhecimento e na preferência dos alunos por algum atleta. O fato da jogadora Marta não aparecer nas respostas da mesma forma que o jogador Neymar, demonstra uma situação que seria diferente se houvesse mais visibilidade dos esportes femininos nas mídias, tanto que, um dos meninos disse que *“até sabe nome de atletas mulheres, porém não sabe dizer se gosta ou não por não conhecer direito as atletas”* (FREDDY). O relato desse estudante reforça a importância que as mídias sociais têm no papel de veicular os esportes femininos, a fim de aumentar a visibilidade dessas competições. Os meios de comunicação são capazes de apresentar de forma mais acessível novas atletas de diversos esportes, a exemplo das atletas Rayssa Leal e Rebecca Andrade, que fizeram história ao se tornarem, respectivamente, a atleta mais nova a ganhar uma medalha de prata no skate e a primeira atleta a ganhar uma medalha de ouro na ginástica artística. São atletas que passaram a inspirar inúmeras meninas que por muitas vezes não se sentiam aptas a praticarem algum esporte, por não terem muitas referências de mulheres nos esportes e que ao verem mulheres como Rayssa e Rebecca, passaram a perceber que é possível ocupar os espaços que ainda são predominantemente ocupado por homens.

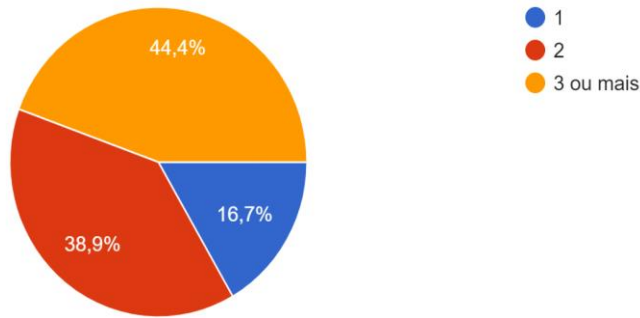
Tudo isso são reflexos de uma sociedade machista e patriarcal que tentou a todo custo impedir o acesso de mulheres aos esportes, principalmente os considerados agressivos, como futebol e lutas. Os impactos que o Decreto-Lei Nº 3.199/1941 causou ao longo dos 38 anos que esteve em vigor podem ser notados até

hoje. Retrocesso que afetaram o desenvolvimento do esporte feminino, deixando um enorme atraso entre as modalidades femininas e masculinas.

Os dados a seguir mostram a quantidade de atletas negras(os) e brancas(os) que os alunos conhecem.

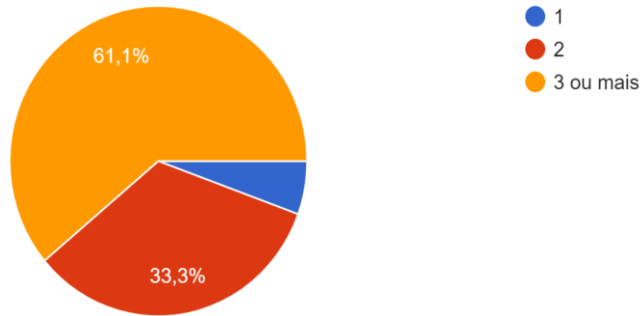
7. Quantas atletas negras você conhece?

18 respostas



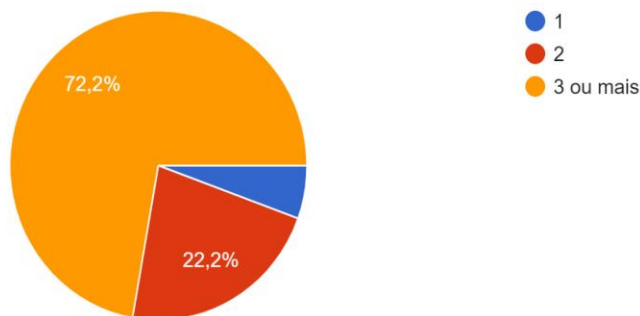
8. Quantas atletas brancas você conhece?

18 respostas



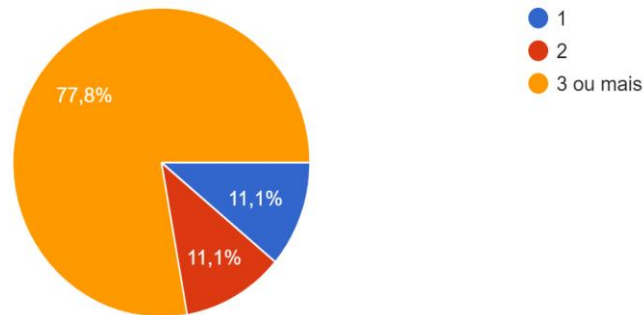
9. Quantos atletas negros você conhece?

18 respostas



## 10. Quantos atletas brancos você conhece?

18 respostas



Com base nos gráficos acima, podemos fazer uma análise dos marcadores de raça e gênero de forma isolada e também por meio da interseccionalidade. A porcentagem dos gráficos de atletas negras *versus* atletas brancas mostra que 61,1% dos alunos conhecem atletas brancas, e 44,4% conhecem atletas negras. Esses dados reafirmam como a desigualdade racial afeta a participação de mulheres negras nos esportes, tendo como consequência a baixa representatividade dessas atletas. E isso contribui para que os estudantes não conheçam muitas atletas para citarem como exemplo.

Por outro lado, se compararmos os gráficos de atletas brancas *versus* atletas brancos, vemos que os alunos conhecem, respectivamente, 61,1% e 77,8%. Nesse recorte, notamos que a porcentagem foi menor por causa da desigualdade de gênero. No caso dos gráficos de atletas brancos *versus* atletas negros, a diferença entre eles foram menores, sendo 77,8% e 72,2%, respectivamente. Conclui-se que atletas negras possuem a menor porcentagem em comparação aos outros grupos de atletas (brancas, brancos e negros). Esses dados revelam os impactos que a falta de representatividade negra nos esportes induz no conhecimento que os estudantes possuem a respeito das atletas negras. Por isso a teoria interseccional propõe que é necessário pensarmos em grupos sobrepostos, ao invés de grupos distintos (CRENSHAW, 2004).



### **4.3 Questionário 3 - Preconceito de raça e gênero**

O terceiro questionário foi elaborado com algumas perguntas distintas para o grupo de meninas e meninos. Essa divisão foi feita pois algumas perguntas relacionadas a gênero não se aplicavam diretamente aos meninos. Dessa forma, a pergunta “Nas aulas de EF, você já fez algum comentário sobre as meninas não saberem jogar?” está presente apenas no questionário aplicado aos meninos. E a pergunta “Ao longo da vida escolar, você já sofreu com algum preconceito de gênero?” está presente para o questionário das meninas. O restante das perguntas são iguais em ambos os questionários.

#### **Perspectiva das meninas**

Ao serem questionadas se já receberam comentários sobre não saberem jogar, 90% das meninas responderam que sim. Na pergunta feita exclusivamente para elas sobre já terem sofrido algum preconceito de gênero ao longo da vida escolar, 60% afirmaram que sim. Aqui deparamos com um conflito de dados, pois a maioria das meninas afirmaram ter ouvido comentários machistas na escola. Porém, 40% das alunas relataram não ter sofrido preconceito de gênero ao longo da vida escolar, o que é contraditório. Essa divergência se deve ao fato de que para muitas meninas esses comentários acerca das capacidades e habilidades motoras dentro das práticas corporais, principalmente nos esportes coletivos, se tornaram algo naturalizado e normatizado. São discursos ainda muito presentes na sociedade e constantemente reforçados nas aulas de educação física. Esses tipos de insinuações podem gerar medos e receios nas meninas, a ponto de elas não participarem das aulas.

As observações de campo confirmam que quando a aula era sobre futebol, apenas duas ou três meninas jogavam com os meninos. E o que acontecia era que eles raramente tocavam a bola para alguma menina. Isso também aconteceu na aula em que a professora Glória aplicou o Tag Rugby, onde os times mistos deveriam atravessar o campo com a bola e o time adversário precisava tirar a tag para impedi-los de marcar ponto. Foi observado que as meninas ficavam nas laterais da quadra e não corriam para pedir o passe da bola. E com pouco tempo de atividade, elas já se retiravam do jogo e falavam que não iam continuar pois os “meninos não iam tocar a

bola pra elas” e que “eles eram machistas”. Essa atitude dos meninos nos jogos coletivos reflete na percepção que algumas meninas tiveram acerca da EF ser uma disciplina que exclui, visto que, ao comparar os dois grupos, foi constatado que 30% das meninas e apenas 12,5% dos meninos acham que a EF exclui os estudantes.

Acerca das perguntas “você já deixou de participar de alguma atividade de EF por medo de sofrer comentários machistas e racistas?”, 90% das meninas relataram ter deixado de participar das aulas por causa do medo em receber comentários machistas e 10% por receber algum comentário racista. Fazendo um cruzamento das informações sociodemográficas coletadas no questionário 1 com a porcentagem de meninas que responderam essas duas perguntas, vemos que, apesar da maioria das meninas se autodeclararem pretas e pardas, apenas uma estudante relatou ter deixado de praticar EF por medo de sofrer racismo. O que vemos é que a maioria das meninas pretas e pardas tem mais receio de sofrer discriminação de gênero do que discriminação racial. Talvez a explicação disso esteja no fato da prática esportiva ter sido por muitos anos dominada por homens e pela inserção das mulheres ter acontecido de forma tardia. Tivemos durante décadas aulas de EF baseadas em métodos militaristas e tecnicistas, com professores reproduzindo metodologias que dividiam as turmas, atribuindo o jogo de futebol para os meninos e o jogo da queimada ou do vôlei para as meninas.

Portanto o que me parece é que esse grupo de meninas, apesar de se autodeclararem pretas e pardas, ainda estão num processo de construção sobre suas identidades raciais, o que faz com que muitas delas ainda não compreendam algumas situações de racismo que ocorrem de forma velada. Isso pode explicar o motivo pelo qual a maioria das meninas entrevistadas possuem mais medo de sofrer opressão de gênero do que de raça.

Tanto as meninas quanto os meninos foram questionados acerca das seguintes frases: “Futebol não é esporte de meninas” e “Mulher não sabe jogar”. Os trechos a seguir mostram como as meninas têm consciência de que esses pensamentos são reproduzidos ao longo do tempo, dentro e fora da escola, que são baseados em mitos e são comentários inaceitáveis que precisam ser combatidos. Segue alguns dos principais trechos retirados na íntegra:

*“Essa é uma frase que ainda hoje costumamos ouvir, mas eu em participar não dou muita bola, pois sei que não é verdade e ficar batendo*

*boca com pessoas com esse pensamento não ia adiantar, a criança foi diferente, pensamentos diferentes... eu simplesmente deixo quieto, pois temos várias mulheres incríveis nesse esporte e já mostram por si só que são muito boas. Dependendo da pessoa, é uma discussão que só vai fazer você perder seu tempo. Esporte é lugar para uma mulher está sim". (ADELAIDE)*

*"Está totalmente errado e equivocado, porque existem muitas mulheres que jogam mil vezes melhor do que vários homens, e futebol e qualquer outro esporte não é uma questão de gênero e sim de vontade, você pode fazer o que quiser." (FRIDA)*

*"Isso desestimula mulheres que querem jogar. Os esportes femininos não são piores que os masculinos, só são mal vistos." (AURORA)*

*"São frases tão amplamente conhecidas, que já foram normalizadas. De forma que, ao ouvi-las, não há muita comoção de nenhum dos lados, mesmo que seja evidente que esse pensamento é completamente errado." (GISELE)*

## **Perspectiva dos meninos**

As respostas dos meninos acerca das questões de raça e gênero também possuem algumas contradições. Quando indagados sobre terem sofrido algum preconceito racial ao longo da vida escolar e se já deixaram de participar de alguma atividade de EF por medo de sofrerem racismo. Ainda que todos os alunos tenham se autodeclarado pretos e pardos, somente 3 estudantes relataram já terem sofrido racismo na escola, e apenas 1 menino relatou ter deixado de praticar as aulas de educação física por medo de sofrer racismo. Outra contradição é que 62,5% dos meninos disseram já ter feito comentários sobre as meninas não saberem jogar. Com esses dados era esperado que as respostas acerca da pergunta "Qual sua opinião acerca das seguintes frases. "Futebol não é esporte de meninas" "Mulher não sabe jogar", fossem respostas machistas. No entanto, os estudantes reconheceram que são frases machistas e que qualquer pessoa, independentemente do gênero, pode

praticar o futebol. A seguir temos alguns trechos das opiniões dos estudantes acerca desses temas.

*“Totalmente desnecessário esses comentários, pois para mim o futebol é para ambos os sexos e com relação a segunda frase é bastante incoerente no sentido de só mulher não sabe jogar, sendo que pode acontecer com qualquer não saber a jogabilidade.” (APOLO)*

*“São comentários machistas, devemos evitar comentários com esses, pois estaremos humilhando as alunas.” (DINO)*

O questionamento a respeito da importância de serem debatidos os temas raça e gênero nas aulas de educação física, mostrou que é unanimidade entre os participantes que os temas devem ser abordados nas aulas de EF. Na sequência vemos a resposta de alguns dos estudantes.

*“Com certeza... infelizmente mesmo com a nossa sociedade evoluída nas questões de igualdade ainda existem preconceitos enraizados que só podem ser quebrados trabalhando isso na educação.” (STELA)*

*“Sim, pois por muito tempo certos esportes foram usados como forma de aumentar o racismo.” (DINO)*

*“Sim. Para assegurar as minorias sociais que elas têm espaço de fala nos esportes, e que não devem suportar comportamentos degradantes alheios, e para educar a todos, para que essas linhas de pensamento agressivas diminuam com o tempo.” (GISELE)*

*“Claro. Porque é sempre bom estar desconstruindo essas ideias de esporte só pra menina ou só para menino e é muito importante falarmos sobre o preconceito racial dentro de esportes e de outros lugares.” (ROSA)*

*“Eu acho que sim, pois as pessoas devem saber como as outras se sentem em relação a certos assuntos, e se esses assuntos fossem*

*debatidos com mais frequência, não existiria tanto preconceito ainda nos dias de hoje.” (NÚBIA)*

*“Sim, porque mesmo a sociedade se evoluindo cada vez mais, ainda existem muitos preconceitos e estereótipos nos esportes entre gênero e raça, e como a aula de Educação Física é pra integração e união entre os alunos, deve-se deixar bem CLARO que não se deve ter esses tipos de equívocos.” (FRIDA)*

Em relação aos professores que já abordaram nas aulas de EF o tema sobre preconceito racial e de gênero, 70% das meninas e 62% dos meninos disseram que não houve esse debate nas aulas. Esses dados indicam que, por mais que os temas transversais contemporâneos sejam assuntos que precisam ser abordados obrigatoriamente em todos os componentes curriculares, muitos professores não incluem esses TTCs nos conteúdos previstos, o que é algo preocupante. E como foi mencionado pela aluna Stela, *"existem preconceitos enraizados que só podem ser quebrados trabalhando isso na educação"*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi discutido, a interseccionalidade enquanto ferramenta analítica possibilita um melhor entendimento sobre como as mulheres negras sofrem com a dupla discriminação e como as questões de raça e gênero interferem no acesso aos esportes. Essa teoria busca “incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos” (CRENSHAW, 2004, p. 8) e por isso é importante que seja utilizada para analisar os conflitos presentes nos esportes de alto rendimento e no esporte inserido no contexto escolar.

Essa pesquisa teve como objetivos analisar a interseccionalidade de raça e gênero como conteúdo transversal nas aulas de educação física ela estimula a participação dos estudantes de ambos os gêneros nas aulas. Outro objetivo era identificar se os conteúdos transversais eram debatidos nas aulas de Educação Física.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, compreende-se que a percepção das alunas é de que a opressão de gênero influencia mais do que a opressão de raça, no que diz respeito à participação nas aulas de Educação Física, apesar de que a maioria das estudantes se autodeclararam pretas e pardas (85% do total dos estudantes). Para os meninos que também se autodeclararam pretos e pardos, a questão racial não impediu que a maioria deixasse de participar das aulas de EF. Mais de 60% dos participantes afirmaram que não tiveram contato com os debates de preconceito racial e de gênero ao longo da vida escolar. Todavia eles afirmaram que é importante que seja abordado os temas de raça e gênero, que compõem os temas transversais contemporâneos.

Outro ponto que ficou evidente é que os meninos entendem que eles já foram preconceituosos com as meninas e que isso é errado. Vale salientar que os participantes conhecem mais atletas brancos do que atletas brancas e negras, e que o esporte que eles mais consomem são o futebol, basquete e vôlei, o que demonstra que as práticas corporais que são mais ensinadas ainda são os esportes coletivos.

Para concluirmos, apesar das limitações do estudo, isto é, tratar-se de uma pesquisa realizada com fins de conclusão do curso de graduação, das conturbações decorrentes da pandemia de Covid 19 no Brasil e do pouco tempo que dispusemos

para a realização do trabalho de campo, podemos afirmar que: os estudantes da escola pública são predominantemente das classes mais desfavorecidas, pois suas rendas familiares estão entre 1 e 4 salários mínimos. A grande maioria dos que estudam nesta escola são oriundos de outras regiões administrativas, com predominância da Ceilândia. O perfil racial atende a uma preponderância de pardos e pretos, concentrando 85% do total dos estudantes que se autodeclararam.

Também é válido ressaltar que os dados evidenciam a percepção por parte dos/as estudantes de que há opressões de raça e gênero presentes nas aulas de educação física da rede pública de ensino, o que influencia diretamente a participação nas diferentes práticas corporais. E que, para estes/as estudantes os temas transversais, apesar de estarem na BNCC e Currículo em Movimento do DF, ainda são temáticas que não são abordadas como deveriam ser. Por serem temas de extrema relevância social, é essencial que eles estejam presentes nos conteúdos da Educação Física Escolar, auxiliando na superação das desigualdades de raça e gênero.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- AUAD, Daniela.; CORSINO, Luciano Nascimento. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2018.
- BOARETO, Luiza; SACCO, Guilherme; BIANCHINI, Vladimir. Lenda, Fenômeno E Representatividade!: Formiga Pelas Palavras De Quem Acompanha Sua Carreira De Perto. **Espn**. 23 dez, 2021. Esportes. Disponível em: [https://www.espn.com.br/espnw/artigo/\\_/id/9699900/lenda-fenomeno-e-representatividade-formiga-pelas-palavras-de-quem-acompanha-sua-carreira-de-perto](https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/9699900/lenda-fenomeno-e-representatividade-formiga-pelas-palavras-de-quem-acompanha-sua-carreira-de-perto). Acesso em: 17 set. 2022.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2005.
- BRASIL. COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <https://www.cob.org.br/> acesso em 19/04/2022 Acessado em: 19/04/2022.
- BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de Abril de 1941. Estabelece As Bases De Organização Dos Desportos em todo o País.
- BRASIL. Deliberação CND nº 7/65 – Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana**. Brasília: MEC, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógico**. Brasília: MEC, 2019.
- CANTALICE, Tiago. **Melânia Luz: a pioneira**. Palmares Fundação Cultural. 5 abr, 2016. Esportes. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=41268>. Acesso em: 17 set. 2022.
- CODEPLAN. **Estudos retratos sociais do Distrito Federal: o perfil sociodemográfico da população negra do Distrito Federal**, Brasília, 2020.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CORSINO, Luciano Nascimento.; AUAD, Daniela. . Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA**, v. 24, p. 57-75, 2014.



CORSINO, Luciano Nascimento. Raça, gênero e a lei 10.639/03 no âmbito da Educação Física escolar: percepções docentes. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 1, p. 247-262, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, p. 21-33, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 2003. 110p.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressuposto Teóricos**. Brasília, 2014b.

FARIAS, Cláudia Maria. Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3 p. 911-929, set/dez. 2011.

FERREIRA, Neilton Junior. Eu fiquei na história. Eu também competi. Não é que me deixaram”: aspectos da inserção da mulher negra no esporte olímpico. In: RUBIO, Kátia. **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. 1. ed. São Paulo: Laços, 2021. p. 63-88.

KOLYNIAC FILHO, Carol. **Educação física: uma (nova) introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2008. v. 01. 126p.

MARTINS, Mariana Zuaneti.; SANTOS, Kerzia Railane Silva.; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Revista Movimento**, v.27, p. 1-16, 2021.

MARINHO, Inezil Pena. **Educação Física, recreação, jogos**. 2ª ed. São Paulo: CIA Brasil, 1971.

METZNER, Andreia Cristina.; RODRIGUES, Wallace Anderson. .Educação Física Escolar Brasileira: do Brasil Império até os Dias Atuais. **Revista FAFIBE On Line (Online)**, v. 4, p. 6, 2011.

NUNES, Cecília Franco Paes. Questões de gênero e a proibição do futebol feminino no Brasil pelo Decreto-Lei nº 3.199/1941. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 126-148, jan./jun. 2022.

RANGEL, Irene Conceição Andrade. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 12, p. 73-76, 2006.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 163-170, 2015.

## APÊNDICE A – Carta de revisão ética



## CARTA DE REVISÃO ÉTICA

**Título da Pesquisa:** MULHERES NEGRAS NO ESPORTE: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

**Tipo de Projeto:** Projeto referente ao Trabalho de Conclusão de Curso.

**Pesquisadoras:** Karla Beatriz Gomes de Souza

Dulce Maria Filgueira de Almeida (Orientadora)

#### 1- Garantias éticas as participantes da pesquisa

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecerão aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos conforme Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e a Resolução N° 510/16 das Ciências Humanas e Sociais. Os Art. 1º e 2º das respectivas Resoluções dispõem sobre as normas aplicáveis as pesquisas envolvendo seres humanos que devem atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes, cujos procedimentos metodológicos devem ser levados em consideração a partir das informações obtidas das participantes, respeitando sua dignidade e autonomia, como também assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa. O contato com as participantes somente será estabelecido após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade de Brasília. A partir disso, serão apresentados os objetivos da pesquisa, os benefícios, os riscos envolvidos e o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que constam as garantias resguardadas as participantes.

Somente a partir da obtenção da concordância livre e espontânea de participação dos participantes da pesquisa, expressa mediante a assinatura do

referido Termo, ocorrerão as observações das aulas e aplicações dos questionários. Será informado aos participantes que, caso queiram, a pesquisa poderá ser interrompida e a retirada do consentimento a qualquer momento, como também a voluntariedade de participação no estudo, garantias para as participantes, a preservação do caráter confidencial e anônimo de suas identificações.

## 2- Análise de riscos e benefícios envolvidos

Toda pesquisa realizada com os seres humanos envolve riscos que podem ser minimizados através da conduta adequada e sensibilidade do pesquisador para com os participantes envolvidos. Esses riscos podem aparecer, por exemplo, durante a aplicação dos questionários, com o eventual constrangimento dos participantes a partir das respostas, a possibilidade de desconforto, vergonha, sofrimento e outras emoções que podem ser geradas pelas suas lembranças.

As pesquisadoras responsáveis são treinadas para trabalhar os riscos de modo a solucioná-los ou minimizá-los, como também sensibilizar os participantes para a pesquisa. Durante todo o processo da pesquisa, as pesquisadoras se comprometem definir junto aos participantes, as medidas cabíveis para atenuar os seus efeitos. É importante frisar que nesses cuidados também se inclui a necessidade de analisar o impacto da presença das pesquisadoras durante a observação direta participante, devendo a estratégia ser suspensa caso traga algum desconforto.

É válido ressaltar que será assegurado aos voluntários o direito à assistência e a busca por indenização, nos termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. E em caso de eventuais danos (previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que serão tomadas todas as providências cabíveis, como também incluir o encerramento da pesquisa e a notificação ao sistema CEP/CONEP.

Destacamos ainda, que as pesquisadoras responsáveis se comprometem em desenvolver a pesquisa com total respeito aos valores morais, culturais e religiosos, como também reconhecer as histórias de vida, os costumes dos participantes da pesquisa, estimulando a contribuir com a participação de grupos diversificados sem nenhuma forma de preconceito, discriminação ou estigmatização.

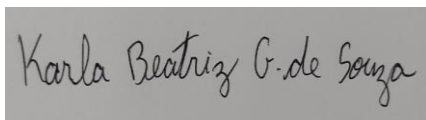
Do mesmo modo, as informações coletadas na pesquisa serão sigilosas e confidenciais. Durante todas as etapas da pesquisa serão resguardadas a garantia da privacidade das participantes, a proteção de sua identidade. Os resultados do

estudo serão utilizados para fins científicos e os dados serão guardados em local seguro, sendo compartilhados apenas entre a equipe cadastrada na Plataforma Brasil.

Assim, ao participar desta pesquisa, os participantes não terão nenhum benefício direto, contudo, esperamos que este estudo traga conhecimentos importantes sobre o tema da pesquisa, de forma que as informações produzidas estimulem novas reflexões e estudos acerca das experiências corporais e subjetivas na área da Educação Física.

A pesquisa dará por encerrada mediante a suficiência de dados atingidos de acordo com os objetivos propostos da pesquisa, como também poderá ser encerrada em caso de eventuais danos as participantes. Além disso, as pesquisadoras responsáveis se comprometem a encaminhar os resultados do trabalho para publicação, com os devidos créditos aos autores, e anexar o relatório final da pesquisa na Plataforma Brasil.

Brasília, 01 de agosto de 2022.



---

Karla Beatriz Gomes de Souza  
Pesquisadora responsável



---

Dulce Maria Filgueira Almeida  
Orientadora

## APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE



Você está sendo convidado a participar da pesquisa **MULHERES NEGRAS NO ESPORTE: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**, de responsabilidade de Dulce Maria Filgueira de Almeida (Orientadora) e Karla Beatriz Gomes de Souza, estudante de graduação, da Universidade de Brasília. O objetivo da pesquisa é analisar a interseccionalidade de raça e gênero como conteúdo transversal nas aulas de Educação Física, considerando a participação dos estudantes (de ambos os sexos) nas aulas práticas dessa disciplina de Educação Física numa escola pública do Distrito Federal. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de três questionários compostos de perguntas fechadas e abertas. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Essa pesquisa envolve riscos que podem ser minimizados por meio da conduta adequada e sensibilidade do pesquisador para com os participantes envolvidos/as. Esses riscos podem aparecer, por exemplo, durante a aplicação dos questionários, com o eventual constrangimento dos participantes a partir das respostas, a possibilidade de desconforto, vergonha, sofrimento e outras emoções que podem ser geradas pelas suas lembranças. Caso isso ocorra, será assegurado aos voluntários o direito à assistência e a busca por indenização, nos termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. E em caso de eventuais danos (previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que serão tomadas todas as providências cabíveis, como também incluir o encerramento da pesquisa e a notificação ao sistema CEP/CONEP.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 991713089 ou pelo e-mail [dulce.filgueira@gmail.com](mailto:dulce.filgueira@gmail.com) (61) 993796423 ou pelo e-mail [karlabeatriz.gs@gmail.com](mailto:karlabeatriz.gs@gmail.com).

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes. Os resultados do estudo serão utilizados para fins científicos e os dados serão guardados em local seguro, sendo compartilhados apenas entre a equipe cadastrada na Plataforma Brasil.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br) ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com as pesquisadoras responsável pela pesquisa e a outra com você. O mesmo deverá ser assinado pelos responsáveis dos estudantes menores de idade envolvidos na pesquisa.

Brasília, 01 de agosto de 2022.

Karla Beatriz G. de Souza

Assinatura do/da responsável

Assinatura da pesquisadora



Assinatura da pesquisadora (Orientadora)

## APÊNDICE C – Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE)



Faculdade de Educação Física

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa **MULHERES NEGRAS NO ESPORTE: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**, de responsabilidade de Dulce Maria Filgueira de Almeida (Orientadora) e Karla Beatriz Gomes de Souza, estudante de graduação, da Universidade de Brasília. Queremos saber se a interseccionalidade entre raça e gênero como conteúdo transversal nas aulas de Educação Física, considerando a participação dos estudantes (de ambos os sexos) nas aulas práticas dessa disciplina de Educação Física numa escola pública do Distrito Federal. Seus pais permitiram que você participe. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 17 a 19 anos de idade. A pesquisa será feita no Centro de Ensino Médio Setor Leste, onde os adolescentes irão responder a três questionários compostos de perguntas abertas e fechadas. Para isso, serão usados questionários considerados seguros. Mas é possível acontecer riscos mínimos durante a aplicação dos questionários, como o eventual constrangimento dos/as participantes a partir das respostas, a possibilidade de desconforto, vergonha, sofrimento e outras emoções que podem ser geradas pelas suas lembranças. Caso isso ocorra, será assegurado aos voluntários o direito à assistência e a busca por indenização, nos termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. E em caso de eventuais danos (previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que serão tomadas todas as providências cabíveis, como também incluir o encerramento da pesquisa e a notificação ao sistema CEP/CONEP. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (61) 991713089 ou (61) 993796423. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. **Os resultados do estudo serão utilizados para fins científicos e os dados serão guardados em local seguro, sendo compartilhados apenas entre a equipe cadastrada na Plataforma Brasil.**

Sendo assim, eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa **MULHERES NEGRAS NO ESPORTE: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir, ciente de que ninguém vai ficar aborrecido comigo. As pesquisadoras tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma via (ou cópia) deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.



Brasília, 01 de agosto de 2022

Karla Beatriz G. de Souza

---

Pesquisador responsável

Participante da Pesquisa (assinatura)

## APÊNDICE D – Aceite institucional

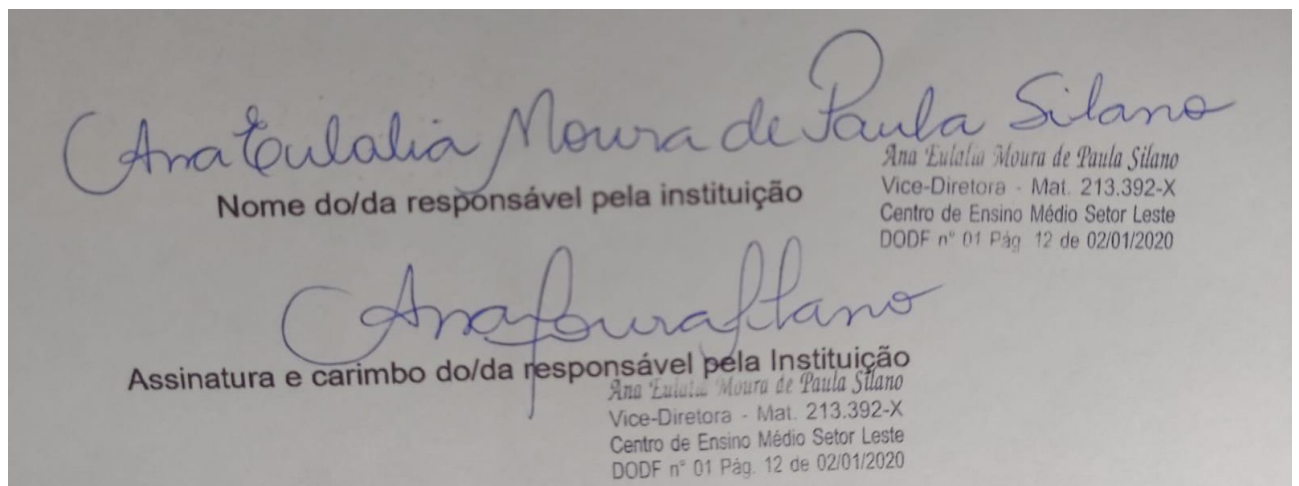
## ACEITE INSTITUCIONAL

O/A Sr./Sra. *Ana Eulalia Moura de Paula Silano*, *vice-diretora* do/da *Centro de Ensino Médio Setor Leste*, está de acordo com a realização da pesquisa “Mulheres negras no esporte: a interseccionalidade entre raça e gênero na educação física escolar”, de responsabilidade do/da pesquisador/a *Karla Beatriz Gomes de Souza*, estudante de *graduação* no Departamento de *Educação Física* da *Universidade de Brasília*, realizada sob orientação de *Dulce Maria Filgueira de Almeida*, após revisão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília.

O estudo envolve a realização de observações das aulas de Educação Física e à aplicação de questionários com perguntas acerca do preconceito racial e de gênero. Os participantes da pesquisa serão meninas e meninos de turmas do 3º ano do ensino médio. A pesquisa terá a duração de 3 meses, com previsão de início em 03/11/2022 e término em 18/01/2023.

Eu, *Ana Eulalia Moura de Paula Silano*, *vice-diretora responsável* do/da *Centro de Ensino Médio Setor Leste* declaro conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Brasília, 01 de agosto de 2022.



Nome do/da responsável pela instituição

Assinatura e carimbo do/da responsável pela Instituição

Ana Eulalia Moura de Paula Silano  
Vice-Diretora - Mat. 213.392-X  
Centro de Ensino Médio Setor Leste  
DODF nº 01 Pág. 12 de 02/01/2020

## APÊNDICE E – Termo de concordância

### TERMO DE CONCORDÂNCIA

O/A Prof. Dr. Martim Francisco Bottaro Marques, Diretor da Faculdade de Educação Física da UnB, está de acordo com a realização da pesquisa “Mulheres negras no esporte: a interseccionalidade entre raça e gênero na educação física escolar” de responsabilidade dos/das pesquisadores/as Prof. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida (Orientadora) e Karla Beatriz Gomes de Souza, estudante de graduação na Faculdade de Educação Física da UnB, após a revisão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília.

Trata-se de projeto de pesquisa que objetiva analisar a interseccionalidade entre raça e gênero como conteúdo transversal nas aulas de Educação Física e se ela estimula a participação dos estudantes (de ambos os sexos) nas aulas práticas dessa disciplina de Educação Física numa escola pública do Distrito Federal. A coleta de dados será realizada por meio da aplicação de três questionários compostos de perguntas abertas e fechadas e observações das aulas. A pesquisa terá duração de 4 (quatro) meses, com previsão de início em 03/11/2022 e término em 18/01/2023.

Eu, Martim Francisco Bottaro Marques, Diretor da Faculdade de Educação Física da UnB, declaro conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2026. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, disponho de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Brasília, 01 de agosto de 2022

Diretor responsável da Faculdade de Educação Física – UnB:

## APÊNDICE F – Cronograma de execução do projeto de pesquisa



## FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

## PREVISÃO DO CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Segue a previsão do cronograma de execução do projeto de mulheres negras no esporte: a interseccionalidade entre raça e gênero na educação física escolar pelas pesquisadoras Karla Beatriz Gomes de Souza e Dulce Maria Filgueira de Almeida (Orientadora). Neste âmbito, ressaltamos que a pesquisa será iniciada somente após a sua aprovação pelo Sistema CEP-CONEP, conforme disposto nas Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e nº 510, de 07 de abril de 2016, apresentadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Início da coleta de dados: 01/11/2022

Final da coleta de dados: 18/01/2023

FASE	PERÍODO	
	INÍCIO	TÉRMINO
Apresentação da pesquisadora	01/11/2022	02/11/2022
Início da coleta de dados Observação do contexto em que a escola está inserida	03/11/2022	19/11/2022
Observação do contexto escolar (ambiente da escola)	20/11/2022	25/11/2022
Observação das aulas de Educação Física	25/11/2022	30/11/2022
Definição da turma a ser observada durante as aulas de Educação Física	30/11/2022	30/11/2022
Aplicação do questionário 1	01/12/2022	15/12/2022
Aplicação do questionário 2	16/12/2022	23/12/2022
Aplicação do questionário 3	09/01/2023	18/01/2023
Análise dos dados	19/01/2023	29/01/2023
Escrita do TCC	29/01/2023	01/02/2023
Entrega do TCC para a Banca Examinadora	02/02/2023	13/02/2023
Defesa do TCC	13/02/2023	13/02/2023

Inserção dos resultados na Plataforma Brasil e Envio de relatório final	03/03/2023	08/03/2023
--	------------	------------

Brasília/DF, 01 de agosto de 2022.



---

Karla Beatriz Gomes de Souza  
Pesquisadora responsável



---

Dulce Maria Figueira Almeida  
Orientadora

## APÊNDICE G – Instrumento de coleta de dados

### Questionário 1

#### I. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

- 1) Nome: \_\_\_\_\_
- 2) Idade: \_\_\_\_\_
- 3) Raça: \_\_\_\_\_
- 4) Gênero: \_\_\_\_\_
- 5) Onde você mora: \_\_\_\_\_
- 6) Renda mensal familiar: \_\_\_\_\_

### Questionário 2

#### II. QUESTÕES RELACIONADAS AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES.

- 1) Você gosta das aulas de Educação Física (EF)? Justifique.
- 2) Qual(is) esporte(s) você mais gosta de praticar nas aulas de EF?
- 3) Você tem algum esporte preferido? Qual?
- 4) Você acompanha algum esporte através da TV ou das mídias sociais? Sim ( ) Não ( ). Se a resposta for sim, cite quais.
- 5) Você gosta de algum ou alguma atleta? Qual?
- 6) Quantas atletas negras você conhece?
- 7) Quantas atletas brancas você conhece?
- 8) Quantos atletas negros você conhece?
- 9) Quantos atletas brancos você conhece?
- 10) Você já teve o sonho de ser atleta? Sim ( ) Não ( ).
- 11) Você acha que se a sua decisão fosse virar uma(um) atleta profissional, sua família iria te apoiar?  
Sim ( ) Não ( ).
- 12) Sua família já impediu que você praticasse algum esporte? Sim ( ) Não ( ).

### Questionário 3

#### III. QUESTÕES RELACIONADAS A PRECONCEITO DE RAÇA E GÊNERO (APENAS PARA AS MENINAS)

- 1) Nas aulas de EF, os meninos já fizeram comentários sobre as meninas não saberem jogar? Sim ( ) Não ( ).
- 2) Ao longo da vida escolar, você já sofreu com algum preconceito racial? Sim ( ) Não ( ).
- 3) Ao longo da vida escolar, você já sofreu com algum preconceito de gênero? Sim ( ) Não ( ).
- 4) Você já deixou de participar de alguma atividade de EF por medo de sofrer comentários racistas?  
Sim ( ) Não ( ).
- 5) Você já deixou de participar de alguma atividade de EF por medo de sofrer comentários machistas?  
Sim ( ) Não ( ).
- 6) A(o) sua (seu) professora(o) de EF já abordou o tema preconceito racial e de gênero nas aulas? Sim ( ) Não ( ).
- 7) Qual sua opinião acerca das seguintes frases. “Futebol não é esporte de meninas” “Mulher não sabe jogar”.
- 8) Você considera que o tema sobre preconceito racial e de gênero são importantes e precisam ser debatido nas aulas de EF? Por que?
- 9) Na sua opinião, as aulas de EF proporciona inclusão ou exclusão dos estudantes?

#### IV. QUESTÕES RELACIONADAS A PRECONCEITO DE RAÇA E GÊNERO (APENAS PARA OS MENINOS)

- 1) Nas aulas de EF, você já fez algum comentário sobre as meninas não saberem jogar? Sim ( ) Não ( ).
- 2) Ao longo da vida escolar, você já sofreu com algum preconceito racial? Sim ( ) Não ( ).
- 3) Você já deixou de participar de alguma atividade de EF por medo de sofrer comentários racistas?  
Sim ( ) Não ( ).
- 4) A(o) sua (seu) professora(o) de EF já abordou o tema preconceito racial e de gênero nas aulas?  
Sim ( ) Não ( ).

- 5) Qual sua opinião acerca das seguintes frases. “Futebol não é esporte de meninas”  
“Mulher não sabe jogar”.
- 6) Você considera que o tema sobre preconceito racial e de gênero é importante ser debatido nas aulas de EF? Por que?
- 7) Na sua opinião, as aulas de EF proporcionam inclusão ou exclusão dos estudantes?